



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



**CRISTINA AUGUSTA BARBOSA**

**MEMÓRIAS DE VIDA E ESCOLAR**

Buritis/RO  
2017

**CRISTINA AUGUSTA BARBOSA**

**MEMÓRIAS DE VIDA E ESCOLAR**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Buritis, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilsa Miranda de Souza.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



## MEMÓRIAS DE VIDA E ESCOLAR

### CRISTINA AUGUSTA BARBOSA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

---

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima  
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

---

Orientadora/Presidente: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilsa Miranda de Souza

---

Membro: Prof<sup>a</sup> D Dr<sup>a</sup> Marijane Silveira da Silva

---

Membro: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna Maria Cordeiro

Buritis/RO  
2017

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu forças e sabedoria para vencer essa etapa de minha vida, à minha família e a todos aqueles que acreditam numa educação pública, gratuita e de qualidade e a exercem com amor e compromisso.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por tudo o que fizeram e pelo que não fizeram por mim, pois sei que não foi por não quererem e sim por não poderem;

Às minhas irmãs queridas que, mesmo à distância, vibram com minha conquista;

Ao meu esposo, que sempre me compreendeu mesmo nos momentos em que eu nem merecia compreensão, me ajudou e sempre me acompanhou sem nunca reclamar;

À meu filho, amor incondicional, que no meu desânimo me anima com seu sorriso e com o brilho dos seus olhos ilumina minha vida;

A todos os meus companheiros de jornada, tutores e coordenadores do curso de Pedagogia.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si, os  
homens se educam entre si, mediatizados pelo  
mundo.

Paulo Freire

## RESUMO

O presente Memorial de Formação Docente é o Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia realizado na modalidade Educação a Distância na Universidade Federal de Rondônia-UNIR em parceria com a Universidade Aberta do Brasil- UAB. A autora aborda pontos relevantes de sua trajetória estudantil e acadêmica, destacando as recordações da infância e do processo de escolarização ao longo de sua vida, os momentos de dificuldades, frustrações e incertezas. Reflete também o processo de construção do conhecimento durante o período de formação no curso de Pedagogia, a contribuição das disciplinas e as práticas pedagógicas desenvolvidas nos estágios supervisionados. Conclui apontando suas expectativas como educadora e profissional da Pedagogia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memórias. Formação acadêmica. Construção do Conhecimento.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 ONDE O SONHO COMEÇOU.....</b>	<b>9</b>
<b>3 O SONHO PERMANECE MESMO COM AS MUDANÇAS.....</b>	<b>11</b>
<b>4 O SONHO TORNANDO-SE REALIDADE.....</b>	<b>14</b>
<b>5 O LEGADO DAS DISCIPLINAS DO CURSO DE PEDAGOGIA EM MINHA FORMAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>5.1 A pesquisa como princípio educativo.....</b>	<b>19</b>
<b>5.2 As disciplinas de fundamentação e prática pedagógica em diálogo com     minhas experiências.....</b>	<b>20</b>
<b>5.3 Educação, inclusão e processos de aprendizagem.....</b>	<b>26</b>
<b>5.4 Educação e diversidade cultural.....</b>	<b>28</b>
<b>5.5 Os estágios supervisionados.....</b>	<b>30</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia na modalidade a distância da Universidade Federal de Rondônia – UNIR apresento o presente Memorial de Formação, orientado pela professora doutora Marilsa Miranda de Souza. Construir um memorial é tarefa difícil, pois é necessário retornar ao passado trazendo à tona lembranças que muitas vezes fizemos questão de esquecer, mas, também é gratificante, por reviver momentos bons esquecidos no tempo.

Após muitas leituras sobre o que é e como redigir um memorial, pude compreender que nada mais é que a autobiografia do autor, ou seja, a autobiografia da minha caminhada acadêmica, destacando todos os contratempos vividos até aqui, deixando registrado meus saberes, amores e valores.

Nesta fase da minha vida em que me divido entre trabalho, família, religião, sociedade e estudo, sempre me pergunto se não deveria me dedicar um pouco mais às pessoas que amo, meus pais Walter e Elia, meu esposo José Flávio e meu filho Nicolas José.

Foi com a necessidade de elaborar esse memorial que enxerguei a oportunidade de contar minha trajetória, minhas frustrações e conquistas ao Nicolas meu príncipe, deixando-o saber o motivo porque todas aquelas quintas-feiras o deixava na casa da vovó Elia e só voltava quando já ele havia se cansado de me esperar e adormecia no sofá, despertando, misteriosamente, em sua cama.

Concordo com Guimarães Rosa que contar é algo difícil, porque mexe com as mais profundas lembranças:

Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas. (ROSA, 1986, p. 172).

Portanto, para elaborar esse memorial considereirei todas as condições, situações, elementos e fatos que marcaram a minha vida, que de maneira singela, socializo com os leitores.

## 2 ONDE O SONHO COMEÇOU

Tinha apenas oito anos de idade quando meu pai decidiu alçar voo do interior de Minas Gerais com sua esposa e três filhas, deixando para trás toda a família paterna e materna, para pousar em um pequeno sítio na região de Ouro Preto do Oeste – RO.

Sou a segunda de três filhas e posso dizer que essa mudança radical não foi fácil, mas como tudo na vida passa, passamos a nos acostumar com a saudade dos que ficaram e interagir com os moradores da região. O local era bonito, tinha energia elétrica, detalhe relevante, pois nos sítios nem sempre tem energia. Portanto esse fator se tornava um grande diferencial. Havia uma linha de ônibus que ligava os municípios de Teixeirópolis a Ouro Preto e que passava a dois quilômetros da nossa casa. Era o único transporte público que havia e era usado por todos os moradores, até mesmo pelos estudantes que precisavam ir para as escolas da cidade. No entanto, era pago. Não havia transporte escolar na região. Infelizmente foi nessa época em que a primogênita da família, minha irmã Kenia parou de estudar, pois a escola mais próxima era apenas até a 4ª série e ela já cursaria a 7ª série. Meus pais, recém-chegados, não tinha condição para mantê-la na escola na cidade.

Logo eu e minha irmã caçula fomos matriculadas na Escola multisseriada (de 1ª a 4ª série), Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Bernardo Sayão Carvalho de Araújo. Era uma pequena sala de madeira com uma varanda na frente e um cômodo apertado nos fundos, onde o próprio professor fazia a merenda. Os banheiros (mictórios) eram externos e afastados da sala. Nesta única sala estudavam alunos da 1ª à 4ª série, todos juntos somavam 39 alunos.

Foi então que começou meu amor pela ideia de ser professora. Sempre que o professor se ausentava para fazer a merenda, ou quando necessitava de dar mais atenção a uma turma com novos conteúdos, ou algum aluno específico, ele me pedia para cuidar da sala. Outras vezes, por minha rápida compreensão dos conteúdos, terminando sempre primeiro as atividades, o mesmo me dava a missão de ensinar aos demais que não tinham compreendido tão rápido. Também me pedia para tomar a tabuada ou a leitura, ora me dizia pra passar no quadro as tarefas ou corrigi-las e assim por diante. Admito que gostava muito dessas solicitações do

professor Ademir quanto às necessidades da classe que eu mesma podia solucionar.

O tempo passou e eu concluí a 4ª série, como não havia como continuar os estudos eu passei a frequentar a “escolinha do professor Ademir” como era assim chamada, simplesmente por prazer, pois sabia que ele me pediria alguma ajuda como ensinar, tomar leitura ou tabuada, fazer cálculos ou passar tarefa no quadro. Confesso que me sentia uma professora naqueles momentos.

Durante os cinco anos em que moramos em Ouro Preto, três eu estudei na “escolinha do professor Ademir”, os outros dois eu a visitei constantemente e sempre me fazia ser útil aos demais alunos.

Hoje vejo que por mais que o professor notasse em mim facilidade para aprender e percebesse o quanto eu gostava de ajudar meus colegas, o que realmente acontecia é que o professor tinha que dar aula para quatro séries em uma única sala e em um mesmo horário, além de fazer a merenda e tomar conta das crianças durante o recreio, não tendo ele nem tempo de descansar por uns momentos durante essa jornada diária. Mas mesmo com tantas dificuldades e adversidades em sala, Ademir sempre foi um excelente professor.

Diante dessa trajetória tão significativa para mim, reporto-me a Andrade (1999, p.3):

[...] trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá está.

### 3 O SONHO PERMANECE MESMO COM AS MUDANÇAS

No ano de 1999 novamente meu pai resolveu mudar-se. Acostumar com a nova casa e a nova vida foi muito difícil, viemos para um sítio maior situado à sete quilômetros (7 km) da pequena cidade de Campo novo de Rondônia – RO. Apesar da proximidade, chegar à cidade não era tão fácil assim, pois diferente do sítio de Ouro Preto, neste não havia transporte público, nem o pago e muito menos o transporte público escolar. Para ir até a cidade teria que ser a pé ou de condução própria, no nosso caso apenas uma bicicleta. O sítio não tinha energia elétrica e havia apenas duas famílias próximas como vizinhos.

Eu e minha irmã caçula fomos matriculadas na 5ª série do Ensino Fundamental na E.E.E.F.M 15 de Outubro, já minha querida Kenia preferiu voltar à Ouro Preto para se casar com um rapaz com quem já namorava.

Por dois anos eu e minha irmã Raquel fizemos o trajeto de catorze quilômetros (14 km). Sete quilômetros (7 Km) de ida e sete quilômetros (7 Km) de volta, sob sol ou chuva para irmos à escola. Lembro-me que quando chegava os finais de semana eu sempre sentia fortes dores nas pernas e muita febre por pedalar a bicicleta com minha irmã na garupa, mas nada era maior que o prazer de ir à escola.

Já estava na sétima série quando mais uma mudança surgiu. Posso dizer que foi a melhor delas. Saímos do sítio e viemos para a cidade de Campo Novo. Estudar, então, tornou-se fácil.

A ideia de ser professora sempre martelando em minha cabeça ao observar aos meus professores, como eles agiam e como eles ensinavam sempre capturava para minha concepção de como deve ser um bom professor. Durante as aulas eu tinha o prazer de ajudar meus colegas e por muitas vezes eles iam até minha casa para eu auxiliá-los. Eu, orgulhosa por compartilhar meus saberes atendia com verdadeiro prazer e disposição. Pois como afirma Freire (1997, p. 153):

[...] Ensinar exige disponibilidade para o diálogo. [...] Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente (FREIRE, 1997, p. 153).

Ao cursar a 8ª série do E. Fundamental no período vespertino e já iniciando o terceiro bimestre, o professor de matemática Edson Gonçalves falou de um projeto chamado “Amigos da Matemática”. Esse projeto dava, a nós, alunos, a oportunidade de ajudar outros colegas que apresentavam dificuldades durante o processo de aprendizagem. Assim quem quisesse participar teria que ser aplicado em sala, comprometido com o projeto e o acompanhar durante todas as aulas da 5ª a 7ª série do Ensino Fundamental do colégio Municipal no período matutino, pois o mesmo iria ofertar o projeto durante todo o 3º bimestre. Disse também que o aluno que aceitasse seria constantemente avaliado por ele enquanto o auxiliava.

Logo, achei o projeto interessante e desafiador e prontamente aceitei participar. Então o professor fez a escala agendando quem, quando e em qual sala entraríamos até o final do bimestre. Com o passar dos dias de participação eu ficava mais à vontade e mais segura na tarefa de ajudar os demais alunos, até porque já desenvolvia esse hábito.

Ao participar deste projeto me senti muito útil, sempre que os estudantes recorriam a mim eu os auxiliava, percebia que eles realmente haviam entendido minhas explicações e, conseqüentemente, respondiam com facilidade as atividades propostas. Cada dia em que acompanhava o professor aprendia um pouco mais e relembrava o aprendizado dos anos passados, o que me deixava ainda mais satisfeita. Ao final do bimestre, em um evento promovido pelo colégio Estadual, onde toda a comunidade fora convidada, o professor de matemática pediu permissão ao diretor e convidou todos os alunos participantes do projeto a estarem com ele no palco, nos parabenizou dizendo que o objetivo fora alcançado, tanto por nós quanto pelos que aprenderam conosco e que estava muito satisfeito com o resultado, com nosso desempenho, com nosso compromisso e dedicação entregando uma singela lembrancinha a todos os participantes. Na avaliação, recebi nota máxima. O mais gratificante foi saber que eu tive a oportunidade de ajudar o próximo mais uma vez.

Esse fato teve grande importância para minha autoestima e segurança em relação aos meus conhecimentos adquiridos. Superei limites, percebi gradualmente a minha evolução e a evolução dos que ajudei, melhorei meu raciocínio lógico, minha compreensão e o mais importante percebi mais uma vez o prazer de ensinar. Com o tempo passaram a me chamar de professora, mesmo depois do projeto terminado, eu me enchia de orgulho, mesmo não sendo de fato.

E foi assim durante todo o meu Ensino Fundamental e Médio, sempre com boas notas e sempre ensinando meus colegas a compreenderem melhor as matérias.

Afirma Paulo Freire quando diz que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2003, p. 47).

Portanto, tive certeza que queria ser “Professora” puramente pelo gosto de “aprender a ensinar” e “ensinar a aprender”.

#### 4 O SONHO TORNANDO-SE REALIDADE

Na cidade de Campo Novo não há nenhuma oferta de Ensino Superior, portanto, todos que terminam o Ensino Médio e pretende dar continuidade nos estudos tem que sair para cidades vizinhas.

Então veio a frustração de ter que pausar meu sonho. Terminado o 3º ano do Ensino Médio ficou o vazio e aquela angústia de ter meu sonho interrompido pelas circunstâncias. Meus pais não tinham condições de me ofertar uma faculdade e mesmo que se sacrificassem muito para isso, eu teria que ficar por muito tempo longe deles. Minha irmã e parceira Raquel, decidiu se aventurar por conta própria e foi se graduar em Tecnologia de Banco de Dados na Faculdade Pitágoras, enquanto morava em Minas Gerais com nossa avó materna. Por esse e outros detalhes, que não poderei relatar aqui, dedico essa frase de Cora Coralina a minha mana e companheira: “A verdadeira coragem é ir atrás de seu sonho mesmo quando todos dizem que ele é impossível”.

Durante esse período me dediquei somente aos meus pais, ao meu simples emprego e ao meu namorado com quem me casei e fui morar a apenas duas quadras da minha casa paterna.

A informação da abertura do vestibular chegou até mim, pelo meu esposo José que sempre soube o quanto eu desejava seguir com os estudos. Dentro das áreas ofertadas pela UNIR, estava lá a Pedagogia que era minha opção de curso.

No final de 2010, prestei vestibular para pedagogia na Universidade Federal de Rondônia-UNIR – Ead, no Polo de Buritis a 65 km de Campo Novo. Porém, essa distância era pequena perto da euforia de estudar novamente e, agora, como uma universitária de Pedagogia.

Foi o José, também, o primeiro a ver meu nome na lista dos aprovados no vestibular para Pedagogia e me reportou a notícia com grande satisfação. Nós tínhamos pouco mais de um ano de casados e não tínhamos filhos até então.

O curso ofertado seria a distância, mas, mesmo assim, teria que ir ao polo de Buritis nas datas agendadas para encontros presenciais. Para que isso fosse possível, visto que o transporte público rodoviário (linha de ônibus) para chegar à cidade de buritis era incompatível com os horários dos encontros presenciais, tivemos que então adiantar o projeto de comprar uma motocicleta para facilitar

minhas idas e vindas e um notebook, pois seria ferramenta imprescindível para meus futuros estudos.

É substancial citar a importância das TICS I e II (Tecnologia da Informação e Comunicação) dentro do curso. Ao unir a tecnologia cada vez mais moderna à educação é possível notar que a aprendizagem pode acontecer em qualquer lugar ou em qualquer momento. A educação encontra novas formas de se fazer presente na vida do ser humano, instalando-se em diversas regiões, mesmo aquelas pequenas localidades de difícil acesso. Nesse caso fica fácil entender o quanto a tecnologia está globalizada.

Atualmente a tecnologia é o centro do desenvolvimento mundial, através dela o mundo se move mais rápido, fazendo com que o homem se torne cada dia mais dependente dela. Com o crescimento acelerado no país ela se destaca em diferentes áreas, uma delas é a educação à distância.

Através do avanço da tecnologia da comunicação e informação essa modalidade de ensino ganhou mais espaço e, com tantas novas ferramentas, mais qualidade, assim o número de acadêmicos matriculados é grande e aumenta cada vez mais.

São muitas as vantagens que a tecnologia da comunicação e informação apresenta. Através dessa modalidade o aluno pode definir o melhor horário para se dedicar aos estudos, sem contar que, onde quer que esteja, seja no conforto do seu lar ou em qualquer outro lugar acessível à internet, poderá acessar a plataforma, seus conteúdos e vídeo-aulas. O ensino à distância exige um elevado nível de maturidade e compromisso por parte dos alunos, e isso é mais uma vantagem para o crescimento profissional do indivíduo.

No entanto, também existem desvantagens no ensino à distância, uma delas é justamente a “distância” que existe entre o professor e o aluno. Outra dificuldade pertinente ao curso à distância é a falta de conhecimento tecnológico básico em informática e multimídia. Sem essas informações, o curso pode parecer mais difícil do que é realmente. A tecnologia da comunicação e informação contribui muito para a globalização da educação à distância, mesmo com todas as suas vantagens e desvantagens ela representa um importante avanço na formação da sociedade.

Portanto, é possível perceber que a tecnologia é para a escola uma infinita fonte de conhecimento que cresce e renova sempre e, juntas, são mediadoras para

que a educação esteja em constante inovação, unindo e ampliando culturas. Tais tecnologias destacam-se nos discursos *do* ensino e *sobre* o ensino. Nos variados espaços, diversos textos sobre educação têm-se referido às TIC, embora as tratem de modos distintos (BARRETO, 2004).

Também passaram para o curso de pedagogia mais duas mulheres de Campo Novo: Cirlene, moradora da zona rural de Campo Novo, porém já no caminho para Buritis e a outra da zona urbana como eu. Não as conhecia antes de iniciarmos esse curso, mas hoje se tornaram minhas amigas e parceiras de curso e para vida.

No decorrer do curso houve muitos altos e baixos, mas todos superados pela determinação. Determinação essa, que me mantém acordada quase todas as madrugadas a fim de me aprofundar nas leituras teóricas e realizar atividades pendentes.

Foram muitas vezes que eu e meu esposo nos encharcamos de chuva, enfrentamos lama e/ou muita poeira a caminho de Buritis ou mesmo voltando pra casa tarde da noite, pois os dois tinham que trabalhar no dia seguinte.

Estudar à distância foi uma novidade para mim, no início muito difícil, confesso, uma vez que estava muito habituada com a presença dos professores em sala e nesse caso seria a cada vinte e um dia no início de cada disciplina e todas as quintas-feiras encontros presenciais com os tutores. Durante esse período deveríamos nos organizar e estudar pelo computador através dos vídeos sugeridos, vídeos-aulas gravados pelo professor ministrante, apostilas, filmes e músicas tudo o que fosse postado na plataforma.

Com o tempo fui me habituando e me organizando para ter tempo de estudar. Não tinha muito hábito e nem interesse em manusear o computador ou usar a internet, mas por ser fundamental em meu curso acostumei e fui me aprimorando com o uso contínuo.

Infelizmente, não durou muito. Logo que iniciamos o curso a UNIR deparou-se com grandes problemas e por conseqüências desses problemas a paralização geral da Universidade foi inevitável. A frustração foi grande. Ora, já havia até acostumando com os novos horários, com os colegas, os tutores, as responsabilidades de entregar os trabalhos dentro do prazo e os dias de encontro.

No início, achei que seria por pouco tempo e que logo voltaríamos a rotina escolar. Entretanto, o tempo foi passando... passando e nada. Minha ansiedade crescia a cada mês sem nenhuma notícia positiva a respeito da retomada do curso. Já com quase dois anos de paralização achei que não retomariamos. A procura de novas alternativas, e sempre na busca de realizar o sonho, que crescia comigo desde criança, prestei vestibular também para pedagogia pela UNIFRAN (Universidade de Franca), recém instalada em Monte Negro cidade a sessenta quilômetros (60 Km) de Campo Novo. Fui aprovada e de imediato fiz minha matrícula para já voltar à rotina de estudar. Também seria a distância, iniciei os estudos e antes que completasse o primeiro semestre recebemos a notificação do fim da greve e da retomada do curso. Não pensei duas vezes! Tranquei o curso particular para continuar estudando pela UNIR, por ser renomada e gratuita.

Além da boa notícia de voltar a estudar também descobri que estava grávida. A sensação foi maravilhosa, mas ao mesmo tempo assustadora. Um turbilhão de perguntas surgia em minha mente sem respostas. A primeira e mais insistente era: será que vou dar conta de estudar e cuidar de um bebê? A partir desse recomeço, Adenir e eu, passamos a ir juntas no carro dela. Combinamos que dividiríamos os gastos para que não pesasse para nenhuma de nós. Meu esposo, o nosso motorista, pois a Adenir, recém habilitada, não dirigia a noite. Mesmo sendo uma viagem mais confortável, ainda era cansativa e por muitas vezes tivemos que enfrentar problemas na estrada.

Meu esposo sempre me acompanhou, me deu forças nos momentos de cansaço e desânimo, afinal, a jornada era longa. Além de trabalhar em casa também trabalhava seis horas diárias como zeladora no Banco Postal da minha cidade. E mais, sou a única filha por perto a dar suporte aos meus pais. Como já havia citado acima, estava grávida, sendo minha gravidez de risco, o que tornou a situação ainda mais delicada e cansativa, já que por esse fato era necessário que todo mês fizesse exames em Ariquemes a cento e cinco quilômetros (105 Km) e pré-natal em Porto Velho, a aproximadamente trezentos e quarenta quilômetros (340 Km) de Campo Novo sem contar nas visitas de pré-natal no posto de saúde da minha cidade mesmo. Isso tudo sem perder nenhuma matéria. Nesse período de gestante gostava de estudar de manhã, por ser mais fresco. Em Rondônia temos um clima bem quente e durante a gestação os hormônios se alteram muito e as sensações de calor

e frio oscilam bastante também. Como nos Correios meu horário de trabalho era a partir das doze horas, se tornava possível estudar de manhã com clima mais ameno, mas isso acabaria.

Com as disciplinas ofertadas fui aprendendo a ser mais crítica e reflexiva internalizando tudo sempre.

O curso foi fluindo e os encontros nos polos com os tutores eram semanais (todas as quintas-feiras). Mas, com os professores ministrantes de cada disciplina passou a ser somente por vídeos aulas gravadas e postadas na plataforma. Eu, porém, já tinha até me acostumado com essa distância entre docente e discente e procurava sanar minhas dúvidas, ora no fórum de perguntas ao professor, ora com os tutores, mas na maioria das vezes entre os colegas.

Geralmente eram lançadas na plataforma mais de duas disciplinas por vez e todas com prazos de postagens próximos uns dos outros. Mesmo assim, era suficiente para entregar todas as atividades dentro do prazo estipulado.

No dia 11 de junho de 2014 conheci o rostinho do meu pequeno Nicolas aguardado com tanta ansiedade. Foi um dia emocionante. Contudo, a partir daí, minha rotina mudaria completamente e foi exatamente isso que aconteceu. Com a presença de um bebê em casa e as demais obrigações do dia-a-dia, passei a dedicar-me as leituras e atividades pendentes agora no período da noite, quando todos já estavam dormindo. Assim eu seria menos interrompida e me concentraria mais.

Durante todo o curso tivemos muitos altos e baixos problemas com notas incompletas, com problemas na plataforma, com internet, com períodos sem tutores e muitos outros. Mas, dia após dia, todos os problemas foram superados com paciência, insistência e confiança que no fim tudo daria certo. Afinal ser professora é isso: nunca desistir.

E mesmo dentre todas as dificuldades estou na etapa final graças a Deus, meu desejo está cada dia mais próximo de ser vivenciado. Receber o “canudo” e jogar a toga para cima.

## **5 O LEGADO DAS DISCIPLINAS DO CURSO DE PEDAGOGIA EM MINHA FORMAÇÃO**

Dentre os aspectos importantes de minha formação no curso destacarei as principais nesse memorial. Farei uma análise dos aspectos principais das diferentes disciplinas e suas contribuições na minha formação.

### **5.1. A pesquisa como princípio educativo**

Um dos mais importantes princípios que aprendemos no curso é o professor, o pedagogo, deve ser também pesquisador.

O conjunto das atividades do curso proporcionou essa preparação, em especial a disciplina da Metodologia da Pesquisa que tem como objetivo maior, planejar e elaborar trabalhos acadêmicos. Nesse contexto falamos sobre os métodos de pesquisa e sua relação com a ciência, o conceito e tipologia da pesquisa como: pesquisa bibliográfica; pesquisa de campo e pesquisa; pesquisa experimental ou de laboratório, projeto de pesquisa, técnicas de projeto e dados na pesquisa. Assim o aluno aprende a escrever lendo e escrevendo diariamente. Pádua (1996, p.29) define a pesquisa científica como:

[...] toda atividade voltada para a solução de problemas. Como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimento que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

Conforme a disciplina Pesquisa em Educação, pesquisa é a construção de um conhecimento novo, a construção de novas técnicas, a criação ou exploração de novas realidades.

A pesquisa como princípio educativo busca a produção e construção de novo conhecimento através de teorias e métodos, com a finalidade de responder, explicar e/ou resolver questionamentos. Educar pela pesquisa promove a construção e/ou reconstrução do conhecimento e aprendizados que superam a reprodução de informações. Importante destacar que a pesquisa educacional traz novas perspectivas para a formação do professor. Sendo assim, a construção do saber docente no cotidiano da escola e processos alternativos de formação são alguns

temas que colocam o professor no palco da pesquisa educacional como sujeito e agente do ato pedagógico e da construção do saber.

Portanto, a pesquisa educacional auxilia o professor na construção do conhecimento a partir das inteirações da escola como um todo, tornando-o profissional reflexivo na e sobre sua prática, além de se auto educar durante seu crescimento/conhecimento e processo de implementação da prática educacional construindo seu saber ao longo de sua experiência e profissionalismo que é permanente e incessante na busca do saber. Fica claro que um professor pesquisador tem o objetivo de desbravar a educação na busca incessante por novas alternativas do saber, que visam analisar e melhorar os processos cotidianos da escola com intuito de expandir e entrelaçar o dia-a-dia da prática educativa da escola com os espaços abrangentes da economia, da política, da ética e da cultura. Assim, o professor pesquisador é também aquele que busca cuidadosamente respostas a indagações, reúne materiais a fim de documentar de maneira precisa todas as informações e obter de forma organizada um “produto final”. Para isso faz-se necessário buscar conhecimentos e instrumentos que nos auxiliem na organização e sistematização dos dados, como a Estatística aplicada à educação.

Em Iniciação à Estatística, compreendi que está diretamente ligada a decisões tomadas com base em informações numéricas como, índices, valores, taxas, todo e qualquer quadro comparativo e/ou avaliativo. Assim, é necessária, a compreensão dos conceitos básicos da Estatística como: organizar, descrever, analisar e interpretar dados de estudos ou experimentos realizados em qualquer área de conhecimento.

A palavra “Estatística” refere-se a dados numéricos, mesmo aquele obtido por uma simples contagem. Quando dizemos, por exemplo, que temos muitas estatísticas sobre a cidade de Campo Novo de Rondônia, significa que temos, em forma de números, várias informações sobre a cidade.

## **5.2. As disciplinas de fundamentação e prática pedagógica em diálogo com minhas experiências**

No decorrer do curso fui internalizando conhecimentos através das teorias, para assim qualificar-me para a prática pedagógica. Cada disciplina relacionava com minha experiência.

Ao deparar-me com a disciplina de Alfabetização e Letramento no curso de Pedagogia aprendi que os sujeitos inseridos em determinadas condições de produção, se transformam em sujeitos discursivos, partindo de outros discursos, para outros discursos e para outros sujeitos. Assim, então, é possível entender melhor as relações dos falantes e de seus discursos a uma ordem ideológica que os pressupõem e os sobrepõem.

Percebo quanto meu professor Ademir, de quem me referi em seção anterior, com sua escola multisseriada, abrangia a todos os alunos com a mesma intensidade, mesmo sendo com quatro séries diferentes, pois esses alunos diariamente recepiavam direta ou indiretamente contextos diversos, ora já estudados nos anos anteriores, o que os faziam lembrar e fixar mais, ora que ainda seriam ensinados a eles no ano seguinte e que já repousava profundamente nas mentes dos alunos.

Só se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum, relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. (BAKHTIN, 1981, p. 125)

Segundo Pecheux (1997, p. 75): “Se o homem pode pensar e tomar por objeto de seu pensamento algo de que ele não é portador, é exatamente porque o mundo exterior existe”, que os fatores externos influem na condição e na linguagem humana, e este é um dos princípios do assujeitamento do homem: sua linguagem adquirida socialmente.

Portanto, fica claro que a criança é o elemento ativo do processo de ensino aprendizagem como nos leva a pensar Piaget nas disciplinas de Educação Infantil I e II. É ela o sujeito ativo que põe em jogo toda a sua capacidade intelectual nesse processo. Piaget entende que a criança é capaz também de influir nas atuações de seus companheiros, sendo capaz de ensinar o que ela sabe ou colocar dúvidas para seus colegas. E é nesse prisma que me encaixo, principalmente quando a aprendizagem se tornava significativa para meus colegas ao possibilitar-lhes a construção do conhecimento.

Com tal entendimento, muitos são os caminhos a serem percorridos para aprendermos a ensinar/aprender, aprender/ensinar.

Relevante destacar que naquela época em que eu cursava o ensino fundamental dos anos iniciais, não se falava em recreação e jogos como destaca a

disciplina de Recreação e Jogos onde momentos específicos são destinados a ludicidade como ato de conhecimento e aprendizagem. No entanto, o recreio assim especificado também era um momento de ludicidade, onde as crianças brincavam, jogavam, criavam, aprendiam, respeitavam regras sempre sob a monitoração do professor e conseqüentemente avaliado quanto a aprendizagem e o comportamento educacional, levando o docente a observações e análises e, assim, um conhecimento mais específico de cada aluno.

Segundo Lima, (2007), a recreação é a toda atividade espontânea, divertida e criadora a qual as pessoas buscam a participação individual e coletiva em ações que melhoram a qualidade de vida e para satisfazer sua necessidade de ordem física, ou mental, cuja realização proporciona prazer.

As teorias inatistas de Chomsky, ambientalistas de Skinner e Watson, construcionistas de Piaget, sociointeracionista de Vygotsky, evolucionista de Fodor e Psicanalista de Freud, Erikson entre outros, destacadas nas disciplinas de Psicologia da Educação I e II me fez entender que o papel do professor é mediar espaço para que a aprendizagem ocorra sempre. Através de situações em que o aluno se sinta motivado e desafiado no decorrer do processo de aprendizagem.

[...] no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em aprendido, [...] Aquele que é “enchido” por outro de conteúdo cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende (FREIRE, 1979, p. 28).

A sociologia da aprendizagem destaca a sabedoria de Paulo Freire que nos diz que ensinar não é transmitir conhecimento. Ensinar é aprender.

A educação na verdade é uma forma de intervenção, então o educador não deve apenas depositar conteúdo com discursos prontos e acabados, mas, conduzir à aprendizagem levando o aluno a ter conhecimento, a pensar de forma certa, incitando-o a pesquisar, a questionar, a ser curioso, a ter criticidade e não ter medo de ser questionado por seu ponto de vista.

O educador deve orientar, ajudando os educandos a formular conceitos, despertando a potencialidade de cada indivíduo para que estejam sempre abertos às mudanças, ao diálogo com os alunos, com a escola e com a comunidade, levando sempre em consideração a realidade em que vivem, respeitando e

escutando seus conhecimentos, sua religião, sua cultura e construindo um pensamento reflexivo com os docentes.

Então, a partir desse momento a escola passará a exercer seu verdadeiro papel transformador da sociedade.

A Sociologia, por sua vez, destaca a questão da escola e da educação através do pensamento sociológico clássico, tendo como eixo orientador as concepções de transformação social. Portanto, o indivíduo se torna membro da sociedade através do processo de socialização, enfatizando que a socialização é um meio do mesmo adquirir identidade societária dentro do contexto no qual ele nasce.

[...] no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em aprendido, [...] Aquele que é “enchido” por outro de conteúdo cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende (FREIRE, 1979, p. 28)

Através dos preceitos de Marilena Chauí (1994), em *Filosofia da Educação e Filosofia*, compreendi que é preciso sensibilidade e disposição para buscar despertar nos alunos o sentimento tão humano de indagar-se sem nunca resignar-se, entendi também que o conhecimento crítico, reflexivo e questionador, que se orienta a partir dos problemas colocados pelo mundo e que estão presentes no ambiente escolar. Assim, tanto eu devo ser mais crítica, reflexiva e questionadora, quanto, devo instigar meus futuros alunos a serem também.

Com a disciplina de Educação Ambiental entendi que no âmbito escolar é preciso que fique definido como objetivo pedagógico da educação ambiental não só ensinamentos que conduzem ao uso racional dos recursos naturais e à manutenção de um nível ótimo de produtividade dos ecossistemas naturais ou gerenciados pelo homem, mas também que será uma educação que visará uma profunda mudança de valores, uma nova visão de mundo, ultrapassando a visão, puramente, conservacionista dos recursos naturais. Entre as muitas facetas do ensino de educação ambiental está a relação entre cidadania e meio ambiente, que indica e amplia o significado do conceito de ecologia rumo à ideia de que os elementos naturais e ambientais são bens coletivos. Assim sendo, a problemática ambiental acontece não só pela exploração predatória do homem sobre os recursos naturais, mas também da exploração do homem pelo homem. Segundo Tozoni-Reis (2004) os grandes grupos econômicos, com poder político na sociedade, transformam a vida

em mercadoria, essência da problemática ambiental. Assim os problemas ambientais têm raízes histórico-políticas e para supera-los precisamos transformar as relações sociais.

Com as disciplinas de Fundamentos e Práticas de Ensino para Séries Iniciais de: Matemática I e II, Português, Geografia, Ciências e História, compreendi que uma das funções da escola, na direção do objetivo maior de formar indivíduos para o exercício da cidadania, é preparar os estudantes para enfrentar e resolver problemas. Formar alunos nesse sentido é mais do que treiná-los para a execução de tarefas determinadas; implica estimulá-los a estabelecer relações, a problematizar, a fazer conexões, a formular hipóteses, a experimentar.

Construir sujeitos leitores, capazes de leituras críticas e plurais, sem subestimar por se tratar de crianças; ao contrário, é neste solo tenro e fértil que as sementes devem ser plantadas. Auxiliar para que a criança tenha a possibilidade de compreender sua própria posição no conjunto de interações entre sociedade e natureza. Assim, ao longo dos anos, a criança construa um conjunto de conhecimentos referentes a conceitos e atitudes relacionadas à sociedade.

No ensino das ciências, compreendi a importância de ressignificar a práxis a partir das mudanças sociais, econômicas e culturais presentes na sociedade atual. As noções devem ser aprendidas através das coisas que os alunos se relacionam.

Ao trabalhar com os conhecimentos históricos devemos sempre buscar do aluno suas perguntas para o mundo em que ele vive no seu imediato, criando um movimento dialético de pensamento e, assim, mas do que ensinar História, o professor estará alcançando seu objetivo maior que deve ser criar possibilidades para o aluno pensar.

A professora Ivani Fazenda apresenta para nós a seguinte reflexão:

[...] o pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento de senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentido às nossas vidas. Ampliado através do diálogo com o conhecimento científico, tende a uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo. (FAZENDA, 2001. p. 17).

Aprendi com as disciplinas de Didática I e II, a importância de se ter um bom planejamento escolar, certo de que, um profissional que se opõe ou não se preocupa com o planejamento escolar repetindo-os anos pós anos, ou que, não dão

a importância necessária ao planejamento, na verdade não está bem preparado para a atuação. Falta compromisso e em alguns casos falta competência do docente. Muitas vezes, a questão do desinteresse em atuar como um bom professor parte do descrédito nas políticas governamentais em aperfeiçoar os processos de formação do professor, em melhorar as estruturas físicas das escolas e pela omissão do Estado em cumprir seu papel de garantia de educação gratuita e de qualidade. A desvalorização salarial dos educadores também é outro fator pertinente na constante alegação de muitos professores em não levar as ações metodológicas mais a sério.

O planejamento é parte necessária para a elaboração e desenvolvimento do projeto metodológico escolar, pois visa promover a aprendizagem do conteúdo, condições favoráveis à aplicação e integração desses conhecimentos. O planejamento é útil e, sobretudo, muito importante, a ação docente. Vai ganhando eficácia na medida em que o professor vai acumulando e enriquecendo experiências. Não há dúvidas de que planejar significa transformar, revolucionar. Só consegue seus objetivos quem realmente assume um processo de planejamento (DALMÁS, 1994, p.25).

Então podemos dizer que planejamento é um permanente processo de reflexão e de tomada de decisão. É uma atividade exclusivamente humana e só tem sentido se realizado de forma coletiva para modificar a realidade numa direção pretendida por todos.

A base de conhecimento para o ensino consiste de um corpo de compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que são necessários para que o professor possa propiciar processos de ensinar e de aprender, em diferentes áreas de conhecimento, níveis, contextos e modalidades de ensino (MIZUKAMI, 2004, p 36).

Neste processo de ensino aprendizagem sabemos que a arte é cultura. Partindo dessa afirmação é notória a importância dessa disciplina no curso de Pedagogia. A tendência para a formação docente nestas áreas é baseada em uma perspectiva sociointeracionista. Assim sendo é importante destacar a dimensão simbólica e seu poder expressivo de representar ideias através de linguagens particulares como a dança, a música, a pintura, o teatro, o desenho, a fotografia entre outras formas.

A arte na educação é importante ao desenvolvimento cognitivo dos discentes, pois através do conhecimento em artes é possível que o aluno amplie também seu conhecimento do mundo e auxilia para um melhor entendimento dos demais conteúdos das outras áreas como: biologia, história geografia, matemática, línguas etc. A arte tem poder de unir toda a escola, assumindo um papel importante na educação e despertando nos alunos a expressividade e o potencial criativo.

O ensino da Arte salienta a prática da leitura de imagens em todos os níveis do processo de escolarização e inclusive que ela deve ser feita de maneira abrangente e, diversificada, pois, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 51), “o fenômeno artístico está presente na Arte erudita, nas manifestações populares e nas imagens da mídia”.

### **5.3 Educação, inclusão e processos de aprendizagem**

A Psicopedagogia atua diretamente com a Educação e Saúde, ocupando-se do processo de aprendizagem, englobando o sujeito, a família, a escola e a sociedade. Utiliza-se de procedimentos próprios, porém com fundamentos de diferentes referências teóricas. Tem como objetivo buscar respostas em relação ao processo ensino aprendizagem, ou melhor, no estudo dos processos do desenvolvimento e da aprendizagem humana, no que se refere a seus padrões de evolução e na busca da influência do meio social.

Com essa disciplina aprendi muito sobre os transtornos relacionados à aprendizagem. Lembro-me que, como processo de ensino, fomos solicitados a assistir ao filme “Como Estrelas na Terra”. É um filme emocionante e muito esclarecedor.

O filme conta a história de um menino de 9 anos chamado Ishaan Awasthi, ele sofria de dislexia, estudava em uma escola normal, repetiu uma vez o terceiro período e estava correndo o risco de isso acontecer de novo. O menino dizia que as letras dançam em sua frente e não conseguia acompanhar as aulas e nem prestar atenção. Seu pai acreditava que ele era indisciplinado e o tratava com rudez e falta de sensibilidade.

Quando o pai é chamado na escola para conversar com a diretora, o mesmo decide levar o filho a um internato. O menino fica com menos vontade de aprender e de ser uma criança. Acaba ficando deprimido, sente a falta da mãe, do irmão mais

velho e da vida. A filosofia do internato é "Disciplinar Cavalos Selvagens". De repente aparece um professor substituto de artes, que não era um professor tradicional, não seguia rigorosamente as normas da escola e tinha uma metodologia própria.

No momento em que o professor conhece Ishaan, percebe que o menino sofre de dislexia e decide ajudá-lo. Este não era um problema desconhecido pelo educador que decide tirar o garoto do abismo no qual se encontrava. Ele ensinou Ishaan a ler e escrever. A partir desse momento o menino vai superando a opressão da família e suas próprias limitações. Passa a ver a escola com um novo significado.

O filme mostra a importância do professor e seu poder de transformação nos alunos. É necessário que o educador tenha sua própria metodologia de ensino, de forma a estimular a compreensão dos alunos, tornando a sala de aula, um lugar agradável e estimulante.

O filme mostra uma lição de vida. Um garoto que foi tratado com respeito por um professor, que soube valorizar e entender as diferenças. Utilizou como forma de expressão a arte, incentivando-o e mostrando-o que seu problema poderia ser superado e que sua deficiência não o tornava diferente dos outros.

A dislexia é uma doença que está longe de ser solucionada, e o que salvou o garoto não foi a descoberta da doença, mas sim, os novos métodos utilizados pelo educador, fazendo com que o menino aprendesse a lidar com sua diferença. Este filme retrata a realidade na qual vivemos. Os alunos com diversas deficiências são colocados em escolas normais e infelizmente as escolas regulares e os professores não estão preparados para essa mudança.

Não sei ao certo explicar o quanto esse filme me tocou. Mas, sei o quanto me ensinou a respeito da diversidade que existe na sala de aula, mostrou-me que é possível fazer com que o aluno desenvolva sua capacidade de aprendizagem a partir da compreensão e do incentivo do educador.

Ao longo de todo esse processo, outra aprendizagem importante foi em relação à Educação Especial. A Educação Especial consiste em proporcionar as ferramentas e os recursos educativos necessários para aqueles que têm necessidades diferentes da média. Assim, as crianças que sofrem de algum tipo de incapacidade têm acesso à informação e o direito de desabrocharem, a fim de inserir-se a vida adulta com maior facilidade.

A Resolução CNE/CEB nº 02/2001 instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. A modalidade de Educação Especial ficou entendida como:

um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2004, p.39-40).

Através da disciplina de Libras pude compreender um pouco sobre a inclusão dos “alunos com necessidades educativas especiais” e sobre a Língua de Sinais. É preciso avançar com a escola inclusiva, entendendo que essa prática se baseia na aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa e a aprendizagem por meio da cooperação. Perlin (2000, p. 23) observa “Se a base da cultura surda não estiver presente no currículo, dificilmente o sujeito irá percorrer a trajetória de sua nova ordem, que será oferecida na pista das representações inerentes às manifestações culturais”.

#### **5.4. Educação e diversidade cultural**

Além do processo de inclusão de deficientes na educação escolar, as disciplinas que tivemos no curso de Pedagogia destacaram as especificidades da educação indígena e das populações tradicionais, da educação do campo, etc. A educação na escola indígena, por exemplo, deve integrar os conteúdos com a vida familiar e comunitária e os instrumentos pedagógicos a serem utilizados nesse processo poderão ser visita a experiências, cursos, construção de texto, palestras, pesquisa da realidade e o ensino de atividades práticas que serão úteis na vida da criança, jovem ou o adulto indígena. De acordo com Neves (2005, p. 2):

A proposta da escola indígena é contribuir na luta da autodeterminação dos Povos Indígenas, levando em conta a pluralidade cultural onde a avaliação não pode ser instrumento de negação ou exclusão, mas de apoio, incentivo e afirmação de um novo projeto educativo.

Quanto ao calendário escolar, este deve ser adaptado à realidade indígena, combinando com seus afazeres, ou seja, trabalhos na roça, lazer, pesca, caça, festas, jogos reuniões, entre outras atividades.

A educação do campo procura recuperar o conceito de camponês que é genérico e representa uma diversidade de sujeitos. Arroio; Caldart; Molina (2004, p. 24) afirmam que:

No Brasil, em algumas porções do Centro- Sul, tem a denominação de caipira. Caipira é uma variação de caipora. Que vem do tupi kaa'pora, em que kaa significa mato e porá significa habitante. No Nordeste é Corumbá, tabatéu, sertanejo, caipau, lavrador... No Norte é sitiano, seringueiro. No Sul é colono, caboclo... Há um conjunto de outras derivações para as diversas regiões do País: caiçara, chapadeiro, catrumano, roceiro, agregado, meeiro, parceiro, parceleiro, entre muitas outras denominações, e as mais recentes são sem-terra e assentados.

A Pedagogia da Alternância desenvolvida e aplicada pelas Escolas Família Agrícola- EFA surge devido à preocupação com a problemática da formação dos jovens do campo, bem como a crescente industrialização e o descaso das autoridades locais com as políticas públicas voltadas para o campo. Houve a necessidade de criar uma experiência educacional inovadora que seria administrada pelas famílias agrícolas e por forças sociais locais, visando um duplo projeto: educativo, profissional e desenvolvimento rural, com uma estrutura de formação escolar aliada a educação, a preparação profissional e o desenvolvimento do campo.

É importante destacar que a escola do campo sempre precisa estar vinculada ao mundo do trabalho, da cultura, ao modo de produção, à luta pela posse e manutenção na terra e a um projeto de desenvolvimento do campo.

Ao estudar sobre a História da cultura Afro-Brasileira e dos Povos Indígenas aprendi um pouco mais sobre cultura. “Cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas” (BENEDICT *apud* LARAIA, 2001, p. 35).

Também pude construir conhecimentos sistematizados acerca dos processos históricos vividos pelos povos africanos.

Precisamos, enquanto educadores, ser os agentes que propiciarão ações/projetos que buscam, principalmente, no que toca aos diálogos interculturais, o respeito às diversidades do mundo.

Assim, a educação mantém viva a memória de um povo e dá condições para a sua sobrevivência. Concordando com Arruda (1996, p.15), que “a educação é uma

instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre indivíduos e sociedade”.

A lei humana é um imperativo social que organiza toda a vida dos indivíduos e da comunidade, determinando o modo como são criados os costumes, como são transmitidos de geração a geração, como fundam as instituições sociais (religião, família, formas do trabalho, guerra e paz, distribuição das tarefas, forma de poder, etc.) A lei não é simplesmente proibição para certas coisas e obrigações para outras, mas é a afirmação de que os humanos são capazes de criar uma ordem de existência que não é simplesmente natural (física, biológica). Essa ordem é a ordem simbólica (CHAUÍ, 2000, p. 294).

### **5.5. Os estágios supervisionados**

De fato, foram muitas disciplinas umas mais interessantes para mim outras menos, mas, todas tiveram relevância em seus conteúdos, principalmente me fizeram crescer intelectualmente, socialmente e culturalmente. Porém o que mais me marcou durante o curso de pedagogia foram os estágios.

Foi uma grande etapa alcançada, antes mesmo de iniciar o curso já imaginava como seria esse momento, sempre me identifiquei com a escola e sempre quis ser professora. Então, então esse foi o momento em que me doei por completo e soube com absoluta certeza que essa vontade de ser professora tão agradável em mim, persistirá aos percalços encontrados na futura profissão e enfrentá-los-ei com segurança, ética e profissionalismo.

O estágio supervisionado é de grande valia para a formação do acadêmico, pois permite que o mesmo faça uma avaliação geral do que é ser professor. Com base no objetivo proposto verifiquei que foi cumprido conforme o esperado, possibilitando fazer uma análise da teoria com a prática pedagógica.

O estágio é necessário e importante, pois é o principal caminho para associar a teoria e a prática. Com o estágio é possível assimilar tudo aquilo que foi aprendido teoricamente com o ganho de experiências que são adquiridas na prática.

Favoreceu-me uma aproximação direta com a escola e sua rotina, onde eu pude vivenciar a organização e as dificuldades que a escola encara diariamente, também conheci os métodos de ensino usados, conteúdos ensinados, o planejamento, a interação aluno-professor, e professor com a gestão escolar.

Conheci as dificuldades do ensino aprendizagem e também as de convivência dos alunos, na prática, conforme expectativas iniciais.

Ao planejar as atividades vivenciadas pelos estudantes, tive o cuidado de pensar em inserir o conteúdo programado de maneira dinâmica e ao mesmo tempo enriquecedora para os alunos. Portanto, aprendi nesse período de estágio que não basta “ser professora” tem que gostar de “ser professora”, pois o caminho e o respeito com os discentes devem caminhar junto com a responsabilidade de educar e ensinar.

Aprendi muito com o lúdico e me deslumbrei ao conciliar as teorias de Vygotsky com as vivências referentes às atividades lúdicas como meio de aprendizagem, percebi a grande influência da brincadeira no desenvolvimento infantil e assim, conseqüentemente, sua motivação para o sucesso da aprendizagem. É importante aproveitar o lúdico em sala de aula como facilitador do ensino aprendizagem. Os jogos e as brincadeiras despertam nas crianças o gosto pela vida.

Ao trabalhar o lúdico na escola se oferta condições para desenvolver a afetividade na criança, assimilar novos conhecimentos, desenvolver a função simbólica e a linguagem, trabalhar a imaginação e a realidade.

Para Rolim, Guerra e Tassigny (1998, p. 168):

Brincar é aprender, na brincadeira, reside à base daquilo que mais tarde permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo de ensino na escola. (ROLIM, GUERRA; TASSIGNY, 1998, p. 177).

Aprendi também, nessa fase dos meus estudos, que vivenciar a rotina vivida pelos profissionais dessa área me causou grande admiração por serem dedicados, acreditarem no seu trabalho, que é de formação de cidadãos críticos, não se deixando desanimar pelas dificuldades encontradas no seu dia a dia. São exemplo de superação e me permitiram acreditar que atuando com dedicação nessa área também poderei ser um exemplo para os outros.

O estágio supervisionado deve ser visto como um importante meio de formação do futuro profissional. Mas, para que esse período de formação de um profissional seja ainda melhor e com maior aproveitamento, no sentido de aprendizagem tanto para a vida pessoal quanto para a formação profissional. É

necessário que os estagiários sejam recebidos pela instituição de ensino com uma recepção, no sentido de deixar claro, que embora seja um estágio, esse futuro profissional poderá contribuir para a instituição durante o tempo que estiver estagiando e não só no sentido de que apenas a escola está proporcionando aprendizagem aos acadêmicos.

Na busca incessante por conhecimento no desejo de ser uma futura profissional da educação, proponho a ser dedicada, pesquisadora e intermeadora da educação na sociedade. Sintamo-nos, afetados, instigados e convidados a compartilhar dessas experiências metodológicas de pesquisa em educação para abrilhantar o cenário educativo com significatividade, juntamente com a beleza de se aprender e de se ensinar, através da pesquisa.

Ao finalizar essa etapa fiquei satisfeita ao perceber o quanto foi gratificante e significativa concluí-la e, mais ainda, pela proximidade do fim. E que esse fim seja na verdade o início de um novo começo, a Pós Graduação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sempre uma oportunidade interessante rever alguns acontecimentos de nossas vidas, principalmente da área acadêmica, já que parte considerável de nosso tempo passamos dentro de um estabelecimento escolar. A reflexão sobre o caminho que trilhei até chegar até aqui, me faz comparar momentos e entender vários processos dos quais participei. Hoje entendo o porquê de alguns fatos, por exemplo, a questão de que a sociedade impõe muitas coisas e que aceitamos devida nossa alienação.

Ao falar sobre a educação é impossível não expor os grandes impasses existentes na educação. Ainda não há uma educação com qualidade para a maior parcela da população, sequer asseguramos o direito ao ensino fundamental para todos.

Faz-se necessário uma participação política efetiva dos trabalhadores em educação para criar opções eficientes que possa resultar na independência humana, sendo capaz de não só levar os cidadãos para dentro das salas de aula, mas também de oferecer um ensino aprendizagem com a qualidade necessária para o desenvolvimento intelectual dos cidadãos independente da classe social.

O neoliberalismo tem causado cada vez mais uma divisão injusta no campo da educação, levando diretamente para a desarmônica situação econômica social, de oportunidades e desigualdade social. Esse é um dos, mais visados problemas no Brasil. Neste caso só uma pequena parcela da população com maior poder aquisitivo é que tem facilidade de ingresso nos melhores cursos e estudos com qualidade. Assim, fica com as melhores vagas de empregos e salários, deixando a maior fatia da sociedade com os piores empregos por não ter uma formação de qualidade.

A educação como política pública tem produzido diferença social e excluindo a classe dominada. É necessária uma política transformadora, capaz de atingir com eficiência a raiz do problema. Só assim poderá diminuir a diferença social e construir uma educação libertadora, capaz de iniciar um processo de igualdade social e também intelectual. É preciso ao menos garantir os direitos já assegurados na Constituição e é dever do Estado e da sociedade brasileira que isso se cumpra.

Sei que todas as madrugadas em claro que passei até aqui valerão a pena. Aprendi muito. Mas, ainda tenho muito a aprender.

A vida segue mostrando ao longo das vivências que, temos grandes desafios na nossa trajetória de vida, seja ela profissional ou pessoal. E o caminho para o sucesso é a determinação.

Determinação essa que cultivei durante esse longo processo que está se encerrando. Um curso difícil e complicado não pelo seu contexto, mas pelas circunstâncias e tantos impedimentos surgidos ao longo do caminho.

O mais importante é que por mais demorado e cansativo que tenha sido não deixou de ser por um só momento a realização de um sonho em que tive o privilégio de realizar na companhia, apoio, auxílio e presença direta dos que mais amo, pais, marido e filho. Porém, isso não menospreza os que estiveram indiretamente na mesma ansiedade e torcida pela minha conquista, em particular minhas irmãs que não esqueço um só dia.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. P. **As idas e vindas na formação do professor**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- ARROYO, M.G; CALDART, R. S; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. v.: Arte. Disponível em <http://aguarras.com.br/2007/05/04/entrevista-com-rosa-iavelberg/> acessado em 10/03/2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Direito à Educação. Subsídios para a Gestão dos Sistemas Educacionais. Orientações Gerais e Marcos Legais**. Brasília – DF. MEC/SEESP, 2004;
- BARRETO, R.G. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1181-12001, 2004.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. SP: ÁTICA, 1995.
- DALMÁS, A. **Planejamento participativo na escola**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- FAZENDA, I. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez Editora, 8ª edição, 2001
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997a.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- LIMA, C.R. **Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações**. Dissertação (Mestrado Educação Física e Terceira Idade). UNICAMP. Campinas – SP, 2007
- MIZUKAMI, M.G.N. (2004). Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Revista Educação**. UFSM. V.29, nº.2. Disponível em [www.ufsm.br/ce/revista](http://www.ufsm.br/ce/revista). Acessado em 03/04/2005.

NEVES, J. G. **Didática etnoambiental**: buscando caminhos para a avaliação da aprendizagem na escola indígena. SÃO PAULO: Revista p@rtes, 2006, disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/etnoambiental.asp>. acesso em dezembro de 2014

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

PECHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

PERLIN, G. **Identidade surda e currículo**. In: LACERDA, C. B. F. de & GOES, M. C. R. de (Orgs.) *Surdez: processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Lovise, 2000, p.23-28.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 20ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. Campinas: Autores Associados, 2004

ROLIM, A. A.M; GUERRA, S. F. S; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008